

Emoção no encontro de dois gigantes do teatro

PÁGINA 3



'A Lira do Povo', uma álbum que revela os Brasis

PÁGINA 4



Enéas Valle, da Geração 80, volta a expor no Rio

PÁGINA 8



2º CADERNO

Ruy Castro explora o Tom Jobim menos conhecido em 'O Ouvidor do Brasil'

Por Naief Haddad (Folhapress)

Em agosto do ano passado, a Academia Brasileira de Letras promoveu uma sessão de "Elis & Tom - Só Tinha que Ser com Você". Na plateia que acompanhava o documentário sobre os bastidores desse álbum de 1974, estava o jornalista e escritor Ruy Castro, que tinha se tornado membro da Academia havia apenas cinco meses.

"Olhei para trás e vi aquelas mais de cem pessoas despejando ondas de amor em direção à tela. Ali concluí que Tom, ao contrário de muitos de seus contemporâneos já idos, na verdade não morreu. Está conosco em todas as instâncias", lembra ele.

Nascia, então, a ideia de um novo livro, "O Ouvidor do Brasil - 99 Vezes Tom Jobim", lançado agora.

O jornalista diz ter percebido que, "nesses últimos 17 anos como colunista, já tinha escrito muito sobre ele". "Pedi à minha assistente Flavia Leite para levantar tudo e vieram 120 crônicas, quase dez por ano! Li todas, descartei 30, meti a caneta nas 90 restantes e escrevi nove novas", conta.

Castro já tinha escrito longamente sobre o compositor carioca em livros como "Chega de Saudade - A História e as Histórias da Bossa Nova", de 1990, e "A Onda que se Ergueu no Mar - Novos Mergulhos na Bossa Nova", de 2001. Neste "Ouvidor do Brasil", ele se dedica sobretudo ao homem Antonio Carlos Jobim.

"O livro fala pouco de música porque Tom, em pessoa, falava pouco de música. É



Reprodução

Em mais um livro que trata de Tom Jobim, Ruy Castro deixa a música do maestro de lado e se debruça sobre curiosidades da vida do compositor

O homem que soube ouvir

um Tom menos conhecido, com seus hábitos, particularidades, preferências (tem até o time de futebol dele), amizades (quase todas fora da música) e, principalmente, sua preocupação com o meio ambiente, quando isso ainda era um assunto estranho para muitos no Brasil."

Surge, então, o porta-voz da ecologia,

que denunciava a destruição das matas e a contaminação dos rios, antecipando um movimento que só se tornaria mais popular décadas depois. Também aparece o "maestro piador", que sabia piar como os macucos, os jerebas e dezenas de outros pássaros.

O autor lembra ainda o Tom exigente com as casas em que morava. "Pé-direito

bom é aquele em que você entra montado no cavalo e dá vivas à República tirando da cabeça o chapéu de mexicano", dizia o compositor.

Embora não estejam em primeiro plano, as parcerias musicais também são lembradas - do retraído Newton Mendonça ao bem-humorado Billy Blanco.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



Manoel Carlos elegeu Lília como a melhor antagonista

Maneco conta porque nunca deu uma Helena para Lília Cabral

Conhecido pelas Helenas de suas novelas, o autor Manoel Carlos explicou o motivo de nunca ter dado o papel de protagonista à atriz Lília Cabral. Na série documental "Tributos" (Globoplay), o autor conta o motivo da decisão. "Porque eu nunca encontrei ninguém que fizesse tão bem a antagonista da Helena. Então, quando eu

faço uma sinopse, eu digo: 'qual é o papel mais difícil da novela?' Esse aí eu dou para a Lília".

Na série, Maneco também é reverenciado por Tony Ramos. "Antes de qualquer coisa, Manoel Carlos é um grande ser humano. Um exímio observador da natureza humana e daquilo que nos rodeia", disse Tony.

Salve o Sul!

O festival Salve o Sul, realizado na sexta-feira (7) e no domingo (9) no Allianz Parque, em São Paulo, arrecadou R\$ 8,2 milhões com a venda de ingressos. Os dados foram divulgados pela Associação Brasileira dos Promotores de Eventos (Abrape).

Salve o Sul! II

Se apresentaram no festival Luísa Sonza e Pedro Sampaio, Chitãozinho e Xororó, Zezé Di Camargo e Luciano, Leonardo, Ludmilla, Glória Groove, Junior e Xamã, entre outros. Os valores das cotas de publicidade dos shows também serão doados.

Retaliação

Homossexual assumido, Matt Bomer contou que perdeu o contrato para fazer três filmes como "Superman" ao ter a sua sexualidade exposta. O ator diz que perdeu o papel principal no filme da DC "Superman: Flyby" mesmo com contrato assinado.

Painel

Nesta quinta (13), às 11h, a artista visual Ana Coutinho promove painel de conversa no Espaço Portinho com a vice-presidente da Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira, Ana Flávia Cabral Souza Leite, com o tema Registros do Tempo.

'O texto para o jornal é uma coisa, para o livro é outra'

Ze Carlos Barretta/Folhapress



De tanto trabalhar nas crônicas, Ruy Castro confessa que não consegue mais distinguir os textos escritos para jornal e os produzidos especialmente para o livro

Ruy Castro tomou os textos de suas crônicas como base, mas enfatiza a diferença entre as publicações. Depois de meses envolvido com a preparação de "O Ouvidor do Brasil", ele não sabe mais distinguir as 90 peças feitas anteriormente das nove inéditas.

"Sinceramente, como todas foram muito retrabalhadas, já não consigo identificar umas das outras. Certamente trataram de assuntos que eu nunca tinha contado no jornal. O texto para o jornal é uma coisa, para o livro é outra. No jornal, preciso ter um gancho, um motivo para falar de alguma coisa. No livro, não é preciso. No jornal, tenho de ser mais direto, menos 'literário'. No livro, posso me soltar mais", diz o autor. "Enfim, esta não é uma coletânea de crônicas, mas um livro escrito para ser livro".

"O Ouvidor do Brasil" volta a

“O bom biografado é aquele que teve altos e baixos na vida, e Tom, de certa forma, só teve altos”

Ruy Castro

demonstrar o conhecimento enciclopédico de Castro a respeito da vida e da obra de Jobim. A partir da primeira entrevista, feita para a revista Manchete, em 1968, foram diversos encontros até a morte do compositor, em 1994.

Sendo assim, por que não uma biografia? "O bom biografado é aquele que teve altos e baixos na vida, e Tom, de certa forma, só teve altos", responde, categórico. Não deixa de ser, porém, um apanhado biográfico em fragmentos.

Como na extensa obra de não ficção de Castro, que inclui biografias de Carmen Miranda, Nelson Rodrigues e Garrincha, o novo livro reúne só fatos devidamente checados. Com uma exceção, o verbete de dicionário inventado pelo autor.

O chiste está logo na introdução: "Ouvidor. S.m. Do latim auditor, -oris; auditor, auditor, ouvinte. Aquele que ouve. Atento aos valores ambientais, urbanos, vegetais, animais, humanos e culturais, e de prontidão para defendê-los. Que ouve os sons do país, venham da floresta ou da cidade. Exemplo: Antonio Carlos Jobim".

E o Vanucci ficou pequeno para tanto talento

Reprodução redes sociais

Fernanda Montenegro e Othon Bastos emocionam em encontro após ensaio aberto do primeiro monólogo do veterano ator



Fernanda Montenegro se emociona em encontro com Othon Bastos no Teatro Vanucci

Fernanda Montenegro assistiu ao segundo dia de ensaio aberto do espetáculo “Não Me Entrego, Não”, protagonizado por Othon Bastos e o encontro dos veteranos emocionou quem acompanhou a conversa, após a apresentação, no Teatro Vanucci, na Gávea.

“A gente soma quase 200 anos”, disse a atriz, de 94 anos, enquanto abraçava o amigo, de 91. Ela chorou e elogiou o colega. “Você nunca errou. Seus personagens sempre foram perfeitos”.

Fernanda também falou sobre a importância de estarem no teatro após décadas de carreira artística. Disse que, enquanto a cabeça funciona, o corpo acompanha.

“São quase 100 anos de uma vida intensa,

de sobrevivência artística”, ela destacou, mencionando as duas trajetórias. A atriz lembrou da censura durante a ditadura militar e de uma proposta que surgiu na época de parar o teatro como forma de protesto.

Ela foi contra. “Se a gente parar, não vamos voltar”, disse. “O ato mais desafiador é a gente não deixar de vir”.

Os dois fizeram juntos o filme “Central do Brasil”, de Walter Salles. A personagem

Dora, professora aposentada que escreve cartas para pessoas analfabetas, levou Fernanda a concorrer ao Oscar de melhor atriz. Othon interpretou César, um caminhoneiro evangélico por quem a mulher se apaixona.

“Não me entrego, não” estreia nesta sexta-feira (14) como uma homenagem a Othon pelos 91 anos de idade e 71 de carreira. No espetáculo, ele lembra fatos marcantes de sua vida.

Fernanda Montenegro celebra seus 80

anos de carreira com a leitura dramatizada de “A Cerimônia do Adeus”, de Simone de Beauvoir (1908-1986), no Teatro Raul Cortez, que fica no Sesc 14 Bis, em São Paulo.

Os ingressos para a temporada de cerca de um mês foram disputados nesta terça-feira (11), quando começaram as vendas online. O sistema de venda de ingressos do Sesc chegou a travar e a maior parte dos ingressos online esgotou.

Refletindo sobre a potência transgressora do erotismo

João Filho/Divulgação

Filósofa Viviane Mosé volta ao Manouche para falar da força da libido e do amor em especial nesta semana dos namorados

Uma das grandes cabeças pensantes e audaciosas do Brasil contemporâneo, a filósofa Viviane Mosé volta ao palco do Manouche nesta quinta-feira (13) em especial de comemoração aos namorados, com um elogio à libido como potência libertária de vida e ao amor em “Erotismo e Transgressão - Quando a Vida Transborda”, tendo como inspiração a obra do filósofo George Bataille, conhecido por seus

textos sobre corpo e sexualidade.

Como forma de intensificar a vida, neste espetáculo o erotismo é pensado como experiência humana de transpor o prazer em um exercício de ampliação da alma. A suspensão provisória da ordem no erotismo permite o acesso privilegiado ao transbordamento da vida. A transgressão erótica e a necessária suspensão dos limites como modo de controlar a violência.



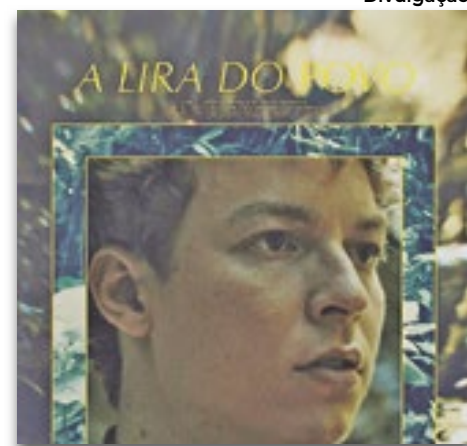
Poetisa, filósofa, psicóloga, psicanalista e especialista em políticas públicas (ufa!), Viviane Mosé se tornou uma das pensadoras mais requisitadas do país, sendo reconhecida por sua capacidade de traduzir temas complexos da filosofia para uma linguagem acessível ao público em geral.

SERVIÇO

EROTISMO E TRANSGRESSÃO - QUANDO A VIDA TRANSBORDA
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese)
13/6, às 21h
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (ingresso solidário - levando um quilo de alimento não perecível ou livro, estudante, meia entrada e idoso que será doado para os abrigados do Rio Grande do Sul)

A vontade de fazer sentir o personagem que somos nós

Divulgação



Em 'A Lira do Povo', Ayrton Montarroyos reúne canções emblemáticas de todas as identidades brasileiras em três suítes num espetáculo que chega agora como disco

Ayrton Montarroyos faz de 'A Lira do Povo', um estudo sobre os diferentes Brasis e brasileiros, seu trabalho mais ousado em disco

Por Affonso Nunes

Um dos intérpretes mais talentosos da nova geração, o pernambucano Ayrton Montarroyos apresenta seu novo álbum, o ousado "A Lira do Povo", no qual explora a cultura do homem brasileiro, sua relação com o sertão, a cidade e o mar. O folclore, a oralidade e as histórias de pescador são elementos importantes deste trabalho que reafirma o talento deste cantor de 28 anos que esbanja maturidade a cada canção.

Divido em três suítes - Mítica, Lírica e Épica -, "A Lira do Povo" agrupa 19 canções que tratam exatamente dessa amplitude brasileira desejada pelo artista. "A Lira nasce da vontade de fazer sentir o personagem que somos nós, utilizando dos recursos estéticos que dispomos: som, luz, o teatro, cheiros e sentidos. Sendo a canção popular brasileira, de João Pernambuco a Kiko Dinucci, o principal material utilizado. Não poderia ser outra música, de outro país ou povo, pois queremos evocar uma história de um homem brasileiro, que pode acidentalmente ser real, mas que por nós, artistas, foi inventado. Inventado como qualquer folclore, qualquer mito", destaca Ayrton.



E que era pra ser uma apresentação de músicas interioranas, criou asas e transformou-se num apanhado de signos, numa festa, numa dança do povo, num suspiro, num grito também. "Foi sabendo dessas coisas que o meu amigo Hermínio Bello de Carvalho, compositor dos grandes, batizou essa apresentação e tudo o que nasce dela, com título semelhante a um que já havia usado em seus trabalhos, que são sempre grandes estudos sobre o Brasil. O que me fez gostar ainda mais do título", acrescenta.

A ideia de viver uma história no disco através do trígono sertão - mar - cidade era uma ideia frequente do cantor. "Uma frase de João Cabral de Mello Neto me atçou lá atrás: 'ambidestro do seco e do úmido, como em geral os recifenses'. Essa imagem do povo que teve que sair do sertão para viver no lito-

ral, fundando uma capital que tem tamanho de metrópole e jeito de interior me tomou desde então. Nos meus escritos, há quase cinco anos, venho, sem saber, elaborando as direções e caminhos para a condução deste projeto, elegendo canções e parceiros possíveis de dividir esse sonho", conta.

Ayrton Montarroyos começou cedo, aos 11 anos, cantando em saraus e rodas de choro em Recife. Aos 18, fez suas primeiras gravações em importantes discos de música brasileira. Um deles, inclusive, indicado ao Grammy Latino em 2013. Aos 20 anos, tornou-se vice-campeão do The Voice Brasil, da TV Globo, interpretando canções elementares da música brasileira, como "Carinhoso" (Pixinguinha/João de Barro). E aos 22, lançou o seu primeiro álbum "Ayrton Montarroyos" (2017 - Independente), um

trabalho bem recebido pela crítica.

Em 2019, Ayrton lançou pela gravadora Kuarup, o seu segundo álbum: "Um Mergulho no Nada", que ao contrário do seu disco de estreia, dispunha, para além da voz, de um único instrumento. Edmilson Capelupi, violonista brasileiro conhecido por ter acompanhado Dominginhos, Rolando Boldrin, Beth Carvalho, Nana Caymmi, Ademilde Fonseca e Noite Ilustrada.

Em 2020, longe dos palcos por conta da pandemia, Ayrton criou uma série de pesquisa de música brasileira, em estúdio de gravação, que era transmitida para mais de 2 mil pessoas semanalmente, ao vivo. Foram mais de 20 programas cantando e contando histórias da MPB, que depois tiveram seus áudios distribuídos pelas gravadoras Biscoito Fino e Kuarup.

Um viagem aos tempos do Poeta da Vila

O Espetáculo musical 'A Boêmia de Noel Rosa' faz apresentação única nesta quinta no Teatro Brigitte Blair

Com Tania Apelbaum Noval (atriz e cantora) e Bernardo Adler (ator e bailarino) no palco, o espetáculo musical "A Boêmia de Noel Rosa" faz apresentação única nesta quinta (13) no palco do Teatro Brigitte Blair. Oscilando entre o formato biográfico e a licença poética para dramatizar, o espetáculo traz pouco da biografia do Poeta da Vila, pincelando fatos da sua vida pessoal e artística. A dança, por sua vez, transmite o espírito dos cabarés da Lapa dos tempos do compositor.

Musicalmente o espetáculo é dividido em três partes: Samba – é composto por algumas das suas canções mais famosas, e que contam um pouco da sua biografia pessoal, e revelam a diversidade temática das suas composições; Mulheres – nesta segunda parte, três canções que Noel compôs para uma das suas amadas, Ceci; e Carnaval – com um pot-pourri de sambas e marchinhas de carnaval, que ficaram marcadas na memória da nossa música popular.

A direção musical do espetáculo tem a assinatura do músico Lúcio Mariano (violão 7 cordas), que comanda a banda formada Buzunga (percussão), Fernando Fontes (cavaquinho) e Guilherme Hermolin (flauta transversal).

SERVIÇO

A BOÊMIA DE NOEL ROSA
Teatro Brigitte Blair (Rua Miguel Lemos, 51 H – Copacabana)
13/6, às 20h | Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia)



O espetáculo reúne Tania Apelbaum Noval e Bernardo Adler

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Épico sentimental

Um dos principais nomes da música pop atual, Raye lança o aguardado single "Genesis". A faixa é um épico sentimental de sete minutos em três atos sobre as origens de seu universo. "Genesis" eleva as letras emocionalmente cruas e vulneráveis da artista a um hino de batalha divino, com inspirações tão diversas como big band, jazz, hip-hop, R&B, gospel e pop contemporâneo. "Tem uma frase de Nina Simone que amo: 'É dever do artista refletir os tempos'. Essa citação representa muito para mim", revela a cantora.

Sebastian Kampfhammer/Divulgação

Divulgação



Relendo um sucesso

Revelação global do jazz, Laufey lança uma nova versão para "Bewitched", faixa que dá nome ao seu aclamado segundo álbum, vencedor do Grammy de Melhor Álbum de Pop Tradicional. Em um single duplo, ela une a versão original e uma reimaginação realizada pelo pianista clássico islandês Víkingur Ólafsson. A performance mostra a amplitude e profundidade da obra de Laufey. "Víkingur e eu viemos da mesma escola de música e temos as mesmas raízes, mas seguimos em direções artísticas diferentes. Essa colaboração celebra nossa herança comum", diz a cantora.



Rosie Matheson/Divulgação



Clima para cima

Rita Ora está pronta para transformar qualquer lugar em uma pista de dança em seu novo single. "Ask & You Shall Receive", co-escrito por Raye, é o primeiro lançamento da artista desde o álbum "You & I" e chega com um clipe impactante. O vídeo foi gravado em uma lavanderia inspirado em um icônico comercial da Levi's protagonizado por Nick Grant, dos anos 1980. "Essa é uma música pra cima, com clima de verão e que fala sobre aproveitar o momento e as paixões, não tendo medo de se entregar a alguém especial e parece um momento de ciclo completo", comenta Rita.

ENTREVISTA / MARCO ANTÔNIO DE CARVALHO, CINEASTA

'A comédia brasileira é o gênero mais visto no país, mas ainda enfrentamos muito preconceito'

Divulgação



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Fazer Glu-Glu e Yeah-Yeah com Sérgio Mallandro não é faro-fáfá, não. Demanda um ritmo de humor que um cineasta como Marco Antonio de Carvalho teve de aprender no set ao fazer o longa-metragem do comediante que foi ícone de gerações na TV aberta, nos anos 1980 e 90, e reinventou seu dom de arrancar gargalhadas pelas vias da stand-up comedy.

Coube ao diretor revisitar as múltiplas reinvenções pelas quais Sérgio passou ao longo de sua carreira no filme "Mallandro: O Errado Que Deu Certo", uma promessa de salas lotadas pela azeitada mistura de riso e emoção em seu afiado roteiro. A estreia acontece nesta quinta-feira (12).

Na entrevista a seguir, Marco Antonio -

que tem uma bela estrada como assistente de direção no currículo - explica como foi explorar novas veredas cômicas com um ídolo que busca novas vertentes na tela grande.

O que Sérgio Mallandro representa como ícone cultural? Como foi lidar com essa imagem icônica?

Marco Antonio de Carvalho: Mallandro simboliza uma era da televisão brasileira que era mais aberta a um humor despretenhoso e muitas vezes nonsense. Ele contribuiu muito para a cultura pop com a criação de um personagem exagerado e cômico que conquistou uma legião de fãs. Além disso, ele é frequentemente associado à nostalgia dos tempos áureos da TV aberta no Brasil, quando programas de auditório e variedades eram extremamente populares. Sérgio Mallandro representa a capacidade de um comediante de se reinventar e permanecer relevante ao

longo dos anos, como representado no longa, sempre trazendo seu estilo único e divertido que marcou gerações. Por já ter trabalhado com ele na televisão e tê-lo como amigo, acabei lidando muito mais com o Sérgio Neiva Cavalcanti do que com o Sérgio Mallandro, o que facilitou muito na hora de contar um pouco da sua história.

Qual é o maior desafio de se fazer comédia no Brasil hoje? Como é a sua relação com o gênero?

Acredito que é mais fácil envolver o espectador em um drama e arrancar uma lágrima do que fazer rir, pois hoje temos muitos artifícios técnicos que ajudam nesse aspecto. Fazer rir é mais complicado. Mesmo com uma boa piada, é preciso um timing perfeito para que ela funcione. A comédia brasileira é o gênero mais visto no Brasil, mas ainda enfrentamos muito preconceito. No meu

filme, por exemplo, pude ver em Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo pessoas rindo alto, divertindo-se e se emocionando. Eu entrava nas salas escondido e ficava em um canto observando as reações, e todas foram ótimas. Depois, vi alguns poucos influenciadores com milhares de seguidores, que se dizem críticos, fazendo comentários sem conhecimento cinematográfico ou espalhando mentiras. Comentários negativos e infundados acabam afastando milhares de pessoas de assistir a um filme brasileiro nos cinemas, prejudicando um mercado já difícil de conquistar, especialmente com grandes produções estrangeiras dominando as salas de cinema no nosso país. Na vida, sou muito difícil de rir com alguma piada. Quando fui convidado para dirigir este filme, sabia que estaria lidando com um dos humoristas mais icônicos do nosso país. Mesmo já conhecendo o Sérgio, procurei estudar toda a sua vida e entender o tipo de piada que ele fazia e como ele as executava, para garantir que funcionassem no filme. Acredito que, mesmo sem nunca ter trabalhado em um longa de comédia, o filme ficou engraçado na dosagem que eu esperava. O que facilitou o trabalho foi o ótimo roteiro e um elenco talentoso.

Como foi a parceria com a Gláucia Camargos no processo do filme?

A Gláucia Camargos foi a melhor produtora com quem trabalhei até hoje. Nós demos muito bem desde a nossa primeira reunião, compartilhamos gostos muito parecidos para filmes, séries e música, além de uma paixão comum por fazer cinema de qualidade. Como partilhamos do mesmo pensamento, ela me deixou bastante à vontade para realizar o meu trabalho e me permitiu participar ativamente de todos os processos do filme. Isso fez uma grande diferença no resultado final, pois este longa, além de ter o olhar do produtor, também tem o olhar do diretor, o que não é muito comum no nosso mercado, uma vez que a palavra final geralmente é do produtor do filme.

Quais são seus próximos projetos?

Ainda este ano, vou estrear meu segundo longa como diretor, "Tudo Por Um Pop Star 2", com distribuição da Disney, estrelado pelas atrizes Bela Fernandes, Gabriella Saraivah e Laura Castro. O roteiro é de Thalita Rebouças. Além disso, tenho mais dois longas encaminhados com a Gláucia Camargos: uma comédia e um drama jovem, mas ainda não posso revelar os detalhes.

'A Casa do Dragão' volta com briga de mães sob promessa de frear violência gratuita

Por Guilherme Luís (Folhapress)

Em "A Casa do Dragão", o embate é entre duas feras que querem proteger seus filhotes. Não dragões, mas as ex-amigas do peito Rhaenyra Targaryen e Alicent Hightower, que na nova temporada da série abandonam qualquer traço de carinho que já nutriram uma pela outra. Agora arqui inimigas, elas tomam partido na briga dos filhos, cujas travessuras adolescentes acabaram num assassinato não premeditado entre eles na primeira leva de episódios, de 2022.

O segundo ano do seriado prelúdio de "Game of Thrones", que volta a ser exibido pela HBO neste domingo (16), leva a picuinha de madrastra e enteada afora dos seus castelos, o que faz com que outras castas metam o bedelho neste grande caso de família.

Ainda que "A Casa do Dragão" agrade a audiência ao apostar no mesmo misto de espadas e fofocas de "Game of Thrones", ela tem uma diferença notável - o que impera aqui são os dramas de duas mulheres, Rhaenyra e Alicent, que flutuam sobre os homens da história.

É um avanço frente à primeira temporada, quando as duas orbitavam o rei Viserys, pai de Rhaenyra e marido de Alicent. Agora, com ele morto, elas se enfrentam pela coroa, a primeira para seu próprio desfrute, e a outra para agraciar o filho mais velho.

"É isso que torna 'A Casa do Dragão' única no cenário de fantasia, e diferente da série original", diz Ryan Condal, cocriador e roteirista da produção. "A razão de termos escolhido contar essa história, e não outra [do universo de 'Game of



Olivia Cooke (Alicent) e Emma Darcy (Rhaenyra), as antigas amigas se tornam arqui inimigas na nova temporada de 'A Casa do Dragão', cuja segunda temporada estreia neste domingo na HBO

Duas feras na proteção de suas proles

Thrones'], é o fato de termos duas mulheres no centro, mesmo que sob o controle do patriarcado, lutando contra ele."

Outro papel importante é o de Rhaenyra Targaryen, tia da protagonista Rhaenyra, conhecida como a Rainha que Nunca Foi - no passado ela disputou o trono com o irmão Viserys, mais novo que ela, mas perdeu justamente por ser mulher.

"Desde que 'Game of Thrones' estreou, em 2011, o mundo mudou muito. Houve o Me Too", diz a atriz Eve Best, intérprete de Rhaenyra, mencionando o movimento em que mulheres denunciaram casos de assédio e abuso cometidos por

homens da indústria do audiovisual. "Hoje vemos toda uma geração de mulheres ascendendo a cargos de governança."

"A discussão da série é tão palpável que me faz relacioná-la com a Câmara dos Comuns, do Reino Unido, [câmara que reúne parlamentares britânicos], um ambiente tão masculino e machista. É muito parecido com o que interpretamos no set de gravações, como as cenas no conselho do reino em que Rhaenyra [que luta pela coroa] é intimidada ou ignorada por um grupo de homens."

Seguir numa toada mais feminina faz com "A Casa do Dragão"

atenda também a uma demanda antiga dos fãs de "Game of Thrones", que por uma década acumulou prêmios e prestígio, mas também uma mesma reclamação - a de que exagerava nas cenas de violência e abuso sexual com mulheres.

"A Casa do Dragão" já tinha sido mais comedida nesse sentido desde sua estreia, e a julgar pelos capítulos liberados aos jornalistas com antecedência, a série volta com a promessa de frear nas cenas de crueldade. "Brutalidade e sexo são intrínsecos a esse mundo, e precisa haver uma razão para inseri-los na história, mas não queremos ser gratuitos aqui", diz Condal.

O roteirista escreve os episódios de "A Casa do Dragão" usando como base o livro "Fogo e Sangue", obra de George R. R. Martin, a mente por trás deste universo fictício. O autor não esteve envolvido com a nova temporada de "A Casa do Dragão". Ele é hoje um dos nomes mais relevantes da fantasia contemporânea. Um dos seus méritos foi criar uma história em que é difícil definir quem é bom ou mau, o que fez "Game of Thrones" despertar amores e ódios por seus personagens nada maniqueístas. Essa pegada segue em "A Casa do Dragão". "Somos criaturas complexas", diz Steve Toussaint, ator que dá vida a Corlys, lorde dos Velaryon, aliados da protagonista Rhaenyra. "Existem políticos que eu não suportaria ouvir discursarem, mas que com certeza são adoráveis entre seus amigos. Nos cabe tentar retratar isso de forma fiel porque é como o mundo opera."

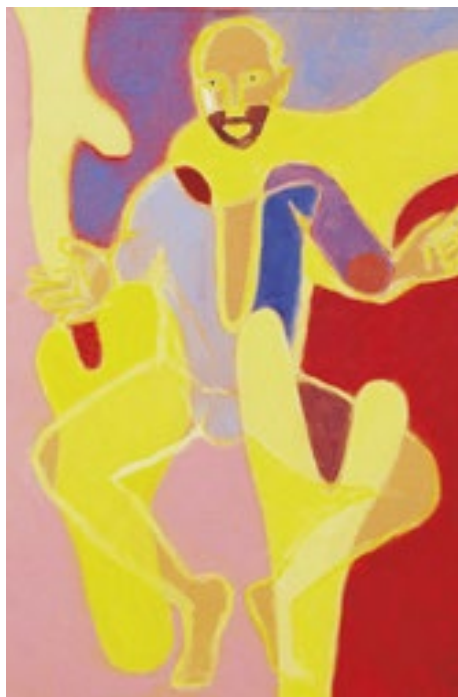
Se nos tempos de "Game of Thrones" os fãs se dividiam entre torcer para alguns poucos mocinhos, em "A Casa do Dragão" é muito mais difícil decidir se é a madrastra ou a entrada quem merece prosperar.

Múltiplas facetas de um mundo onírico

Há dez anos sem expor no Rio, Enéas Valle repassa trajetória na Real Galeria de Arte Contemporânea



Dono de uma linguagem própria e pinturas de colorido único caracterizadas pela combinação de cores vivas e neutras, Enéas é um dos representantes da Geração 80



Depois de uma década sem expor no Rio de Janeiro, cidade onde vive, o artista plástico Enéas Valle apresenta a individual “A Curva e a “Cor, em cartaz na Real Galeria de Arte Contemporânea, em Copacabana. Para a mostra, que tem curadoria de Ivair Reinaldim, foram selecionados cerca de 20 trabalhos, quase todos inéditos, que traçam um breve panorama da trajetória do artista.

As obras, em grandes e pequenos formatos, são todas pinturas em tinta acrílica sobre tela ou papelão produzidas desde a década de 1990. “Todos os trabalhos estão relacionados, os novos e os mais antigos. Mostro a relação do espaço como vivemos hoje, das pessoas com o planeta, com o ambiente globalizado em que estamos inseridos”, explica Enéas Valle, pintor, desenhista e escultor.

Dono de uma linguagem própria e pinturas de colorido único caracterizadas pela combinação de cores vivas e neutras, Enéas é um dos representantes da Geração 80, movimento que completa 40 anos em 2024. Doutor em Matemática, atribui à ciência exata a forma como se expressa na arte, utilizando o 4D, ou quarta dimensão. “Trabalho sempre com essa noção de espaço e tempo, dou ênfase às curvas, diferente da pintura tradicional em 3D”.

“Vemos na exposição as diferentes facetas de um profuso mundo onírico criado pelo artista, no qual prevalece a figura humana como sujeito que imagina aquilo que tem diante de si. São personas que se colocam ora em grupo, ora em dupla, muitas vezes sozinhas diante desse espaço-tempo da pintura. São figuras que excedem seus limites, expandem-se e se projetam para além de si”, resume o curador Ivair Reinaldim, professor do programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ.

Pintor, desenhista, escultor, teórico, Enéas Valle nasceu em Manaus, em 1951, e vive no Rio de Janeiro. Formado na Staedel Kunsthochschule de Frankfurt, Alemanha (1978-1980). Doutor em Comunicação e Cultura. Professor titular da Escola de Belas Artes da UFRJ.

SERVIÇO

A CURVA E A COR

Real Galeria de Arte Contemporânea
(Av. Princesa Isabel, 500 -
Copacabana - Real Residence Hotel)
Até 29/8, de segunda a sexta-feira
(12h às 17h) | Entrada franca

Fotos/Divulgação

